

GUSTAVO PINHEIRO

segundocaderno@oglobo.com.br

A ÚLTIMA AULA DE ANTONIO CICERO

Os dias foram passando e, volta e meia, voltava à minha cabeça a notícia da eutanásia do poeta Antonio Cicero. Tive a sorte de ser seu aluno algumas vezes, no Polo de Pensamento Contemporâneo (POP), casa de cursos que existia no Jardim Botânico. Aos olhos apressados de hoje chega a parecer mentira, mas o Rio de Janeiro já teve, sob coordenação cuidada de Ana Lucia Magalhães Pinto, um oásis de inteligência que reunia, para diferentes aulas, além de Cicero, nomes como o filósofo Roberto Machado, o psicanalista Carlos Byington, o crítico Paulo Sergio Duarte, o poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, a escritora Rosiska Darcy de Oliveira falando sobre Clarice Lispector, Eucanaã Ferraz lendo Drummond e Manuel Bandeira. Tudo isso na mesma semana. E não tem muito tempo, coisa de dez anos atrás, quando ainda não éramos teleguiados por celulares e o virtual não sonhava em substituir os encontros presenciais.

Cicero gostava de dar cursos sobre poesia e filosofia. Sempre gentil e educado, era capaz de ficar horas falando sobre Kant ou niilismo — assuntos nem sempre palatáveis para leigos —, mas que, diante da sua paixão, deixavam a plateia embevecida.



ELE ERA CAPAZ DE FICAR HORAS FALANDO SOBRE KANT OU NIILISMO, ASSUNTOS NEM SEMPRE PALATÁVEIS, MAS QUE DEIXAVAM A PLATEIA EMBEVECIDA

Apesar da insistência, lembro da sua resistência em fazer uma palestra sobre letras de música. Quando finalmente cedeu aos apelos, foi inesquecível: Cicero as comparou aos poemas e falou sobre o privilégio de estar no mundo ao mesmo tempo que Marina Lima, sua irmã, Adriana Calcanhotto, Lulu Santos e outros parceiros e amigos que a música lhe deu. O tempo previsto para o bate-papo se encerrou e ele continuou falando, feliz da vida.

Agora, a surpresa da sua partida. A lucidez sobre a própria condição, a elegância com que manteve todo o processo afastado de atenção, a coerência com as próprias crenças, a cumplicidade longa com Marcelo. Até na hora de morrer, Cicero deu mais uma aula.

Na última coluna, escrevi sobre o avanço da inteligência artificial no mercado de trabalho, depois de ler que 85% das profissões que dominarão o mundo em 2030 ainda não foram criadas. Não há mal que não possa piorar: o sempre antenado André Carvalho fez um post aterrador sobre pessoas — a maioria jovens — que estão recorrendo ao ChatGPT para fazer terapia. Nada de divã, silêncios, interlocução, questionamento. Agora, joga-se uma pergunta ou incômodo existencial e, imediatamente, a inteligência artificial tem uma avaliação ou conselho a dar.

Quem já experimentou os benefícios de uma terapia bem feita é capaz de atestar o quanto a hipótese de psicoterapia por algoritmos é delirante. Recorrendo à tecnologia, prescinde-se de uma série de coisas fundamentais: o contato humano, a capacidade de elaborar um raciocínio crítico (sobre si mesmo e sobre os outros) e a aceitação do contraditório. Perde-se tudo isso para atender a urgência de respostas a perguntas que simplesmente não podem ser respondidas com urgência. Tudo tão bizarro e superficial, tão a cara do nosso tempo, que a quem aderir só resta indicar terapia.

Parceria de mestres.

João Donato (na foto, à esquerda de João Gilberto, no Centro do Rio, em 1957) enviou "Contas de vidro" a Leila Pinheiro com um recado: "Mande aquele petardo para ela!"

HOMENAGEM COM SABOR INÉDITO



ÁLBUM DE LEILA PINHEIRO E RICARDO BACELAR FAZ RELEITURA INTIMISTA DA OBRA DE JOÃO DONATO E TRAZ PARCERIA DELE COM JOÃO GILBERTO, 'CONTAS DE VIDRO', PELA PRIMEIRA VEZ COM LETRA

Releitura. Leila Pinheiro e Ricardo Bacelar, que criou arranjos econômicos pra "Donato": "O disco respira muito", diz ele



LUÍZ FERNANDO VIANNA
Especial para O GLOBO

Leila Pinheiro já estava em Fortaleza, no estúdio de Ricardo Bacelar, gravando um álbum dedicado à obra de João Donato (1934-2023), quando resolveu ligar para o próprio pedindo alguma novidade. O pianista, que já não estava bem de saúde, disse à sua companheira, Ivone Belém: "Mande aquele petardo para ela!"

O petardo, incluído no recém-lançado álbum "Donato", se chama "Contas de vidro" e é a versão com letra (de Lysias Ênio, irmão de Otavio Filho, grande conhecedor

do tema até então conhecido como "Glass beads"). Foi lançado em 1965, nos EUA, no disco "The new sound of Brazil". É uma das três únicas — ao menos registradas — parcerias de Donato com João Gilberto. Nunca tinha sido gravada com letra.

— Eu não sabia nada sobre essa música — recorda Leila. — Gostei de cara e me sentei ao piano para tocar. Veio inteira para mim, sem nenhuma dificuldade para se encaixar no meu jeito de me acompanhar cantando ao piano.

O pesquisador Otavio Filho, grande conhecedor

da trajetória de João Gilberto, acredita que "Glass beads" tenha sido composta no fim dos anos 1950 ou início dos 1960, perto das outras duas que a dupla tornou públicas: "Minha saudade" (melodia de Donato, letra de João Gilberto) e "Coisas distantes" (música de ambos e que se chamava "Forgotten places" até ganhar letra de Lysias Ênio).

— "Contas de vidro" é um tipo de composição muito característica dessa época em que a assinatura deles está num apelo mais descontraído, uma

feição de eficácia comercial mesmo, com temas simples, melodias curtas e cíclicas — diz Otavio Filho. — Em seguida, os dois, separadamente, foram para composições mais intrincadas, mas a marca da época ficou na obra deles, um certo ludismo.

A outra inédita que há em "Donato" foi enviada também a pedido do compositor: "Já que você deu motivo", com versos de Ronaldo Bastos. Leila canta nas 12 faixas, sendo que em duas delas ("Contas de vidro" e "Naturalmente") em duo com Bacelar. Ele toca piano em 11 músicas, e Leila em duas ("Verbos do amor" e também "Contas de vidro"). Em nove está o cello de Jacques Morelenbaum.

O trabalho é intimista, bem diferente dos de Donato, nos quais ele reunia mais instrumentos e tocava seu piano inconfundível.

— Não teria sentido fazer versões suingadas, porque ninguém faz isso melhor do que o próprio Donato — afirma Leila, confiando que o amigo de quatro décadas aprovaria o resultado. — Foi bacana ele, pelo menos, saber que esse disco estava sendo gravado.

Bacelar convidou Leila para o projeto já preparando arranjos econômicos:

— O disco respira muito. Transformamos as músicas do ponto de vista harmônico. Donato tinha aquele estilo característico, caribenho e com marcas da bossa nova.

EDNARDO, FLORA PURIM, AIRTO Do repertório, segundo Leila, não podia faltar "Brisa do mar" ("é uma das canções da minha vida"), que tem letra de Abel Silva. Também há outras bem conhecidas, como "Arã" (parceria com Caetano Veloso), "Lugar comum" (com Gilberto Gil) e "Naquela estação" (com Caetano e Ronaldo Bastos), que fez sucesso com Adriana Calcanhotto. E menos conhecidas como a recente "Açafrão", parceria com Marlon Sette e Sylvio Fraga.

— O Donato tinha aquele jeito moleque. Uma vez ele foi na minha casa com um tênis de cada cor. Isso faz com que as pessoas pensem que a música dele é simples, leve, para dançar. Mas elas são danadas, muito trabalhadas, com grande força harmônica — destaca Leila.

"Donato" é o novo projeto do selo Jasmin, criação de Bacelar, que construiu um estúdio de ponta em Fortaleza. O cearense, que morou 13 anos no Rio e foi integrante da banda Hanói-Hanói, vai lançar em breve um single com Ednardo e um álbum com Flora Purim e Airto Moreira, entre outras iniciativas.

— Estou montando um catálogo que tenha vida longa, e não que acabe em 30 dias, como muitos lançamentos de hoje — assinala Bacelar. — Quando eu me for, vão poder ouvir essa coleção feita por um maluco.